

---

## 04. A MULHER NEGRA NA TV BRASILEIRA: O CASO DO SERIADO “SEXO E AS NEGAS”

Nelson Rosário de Souza<sup>1</sup>

Virítiana Aparecida de Almeida<sup>2</sup>

Andréa Rosendo da Silva<sup>3</sup>

### Introdução<sup>4</sup>

“Sexo e as Negas” insere-se no gênero televisivo seriado, mais precisamente, uma comédia de situação. O programa foi produzido pela Rede Globo de Televisão e exibido entre 16 de setembro e 16 de dezembro de 2014, contando com 13 episódios. Foi idealizado por Miguel Falabella que escreveu o roteiro com ajuda de outros colaboradores. A inspiração veio do seriado norte-americano ‘Sex and the City’, aparentemente a ideia foi realizar uma espécie de paródia deste programa. O seriado em tela teve como sua principal locação um bairro popular do Rio de Janeiro, o objetivo foi retratar a intimidade e o cotidiano de quatro mulheres afrodescendentes<sup>5</sup>. Mesmo antes da estreia o programa gerou polêmica na imprensa e, especialmente, nas redes sociais, fenômeno que se inscreve na longa trajetória de controvérsias sobre a representação de negras e negros na televisão brasileira. Um primeiro olhar sobre o conflito revela a tendência de polarização, de um lado posicionam-se os que acusam o programa de racista, de outro, aqueles que discordam desta percepção. Como nos exemplos abaixo:

Venho por este email manifestar meu repúdio a série ‘Sexo e as Nega’. Infelizmente, esta série associa a mulher negra ao sexo e a pobreza. A própria concepção da série já reforça estereótipos porque prega um modelo americano (“Sex in the City”) onde as mulheres são brancas e bem sucedidas e transporta para uma favela e coloca apenas mulheres pobres e negras. Eu fiquei estarrecida com o episódio de ontem. As

---

<sup>1</sup> Professor doutor dos programas de pós-graduação em Sociologia e em Ciência Política da UFPR. E-mail: [nrdesouza@uol.com.br](mailto:nrdesouza@uol.com.br).

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da UFPR.

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR.

<sup>4</sup> Esse trabalho vem sendo realizado no âmbito do Grupo Midiaculturas (Departamento de Ciência Política – UFPR). A dimensão teórica deste paper foi desenvolvida pelo autor como requisito parcial do Estágio Pós-doutoral realizado na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris III, com financiamento da CAPES.

<sup>5</sup> Entendemos que sob o ponto de vista político e estratégico as quatro protagonistas devem ser vistas como negras, entretanto, usaremos também a classificação parda, categoria usada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Fizemos esta opção considerando as características das relações raciais e do racismo no Brasil, que, entre outros procedimentos, costuma hierarquizar os negros conforme as diferenças no tom da pele.

---

falas da série colocam a liberdade sexual de uma das personagens (Zulma) ligada a mulher negra. Isso resultou em uma conceito errôneo de liberdade sexual. A concepção soa a libertinagem. A liberdade sexual da mulher não tem cor. Eu espero que a SEPIR<sup>6</sup> faça algo a respeito porque é inadmissível uma grande rede de TV possa veicular informações que reforce o RACISMO presente na nossa sociedade e tão duro de acabar. (MLB, mulher, branca, comentário ao facebook na página “Boicote Nacional ao programa ‘Sexo e as Negas’ da Rede Globo” em 18/9/2014).

To bobo com isso ... sei bem da luta dos atores negros no mercado de trabalho brasileiro. Até 10 anos atrás (que diga Ruth de Souza) papel para negros na TV era ser escravo ou empregado doméstico, e ponto final. Agora quando criam 4 personagens mulheres negras DONAS DA PRÓPRIA SEXUALIDADE E DO PRÓPRIO CORPO, que se gostam e celebram sua etnicidade tanto na cor de sua pele quanto nos cabelos soltos e crespos, assumidíssimos, vocês resolvem achar pêlo em ovo com requintes de crueldade ...”. (FSB, homem, sem identificação étnica, comentário feito ao blog oneirophanta.org em 18/9/2014 – destaque no original).

A dicotomia marca as posições não só nos comentários promovidos pela audiência nas redes sociais. Jornalistas, colunistas e intelectuais também se dividiram ao analisar os efeitos da série. Acredito que o programa e a mobilização que ele gerou abrem a oportunidade para uma reflexão que vá além da polarização ‘racismo’ x ‘não racismo’. Não se trata de desqualificar este debate, mas, partindo de outro referencial a respeito do significado político da mídia parece ser possível avançar outras explicações e encontrar outros sentidos para o fenômeno ‘Sexo e as Negas’. Para cumprir tal objetivo mobilizaremos a perspectiva da ‘midiaculturas’. Apresento aqui uma definição prévia e resumida desta abordagem que, espero, fique mais clara ao longo do trabalho.

A perspectiva ‘midiaculturas’ agrega pensadores franceses, tais como: ÉricMaigret, ÉricMacé, HervéGlevarec e Marie-HélèneBourcier que, sob inspiração dos Estudos Culturais ingleses, da Sociologia construtivista e da concepção de esfera pública polifônica, procuram analisar a mídia e a cultura de massa valorizando a capacidade reflexiva dos públicos em suas práticas cotidianas interativas. Significa que os atores sociais plurais, perpassados por múltiplos conflitos, têm a capacidade de construir sentidos no seu encontro com os produtos da Indústria Cultural. As instituições midiáticas, por sua vez, não são vistas como substâncias ou com marcas essenciais, do tipo: dominação ideológica ou alienação; antes são artefatos construídos no jogo interativo com os diferentes agentes na esfera pública. Não se trata de subestimar o poder, mas, de apreendê-lo como relação entre públicos e contra-públicos em conflito pela instauração de hegemonia o que já implica contra-hegemonias. Sendo assim, a chave explicativa ancorada no paradigma dos ‘efeitos’, ou da influência, é abandonada em

---

<sup>6</sup>Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, ligada à Presidência da República.

---

favor do questionamento sobre os significados da universalização da experiência cultural com o advento da comunicação de massa.

A este referencial acrescentamos, por conta própria, a hipótese da ‘aculturação’, no sentido mobilizado por Boltanski e Chiapello (2009), ou seja, não como hibridismo cultural, mas, enquanto capacidade adaptativa presente nas relações de poder de um determinado período histórico. Enfim, trata-se da capacidade de absorção e resignificação das resistências transformando tensões em estabilidades. Mas, é importante frisar, não significa a vitória de um sujeito de poder, ou efeito de uma estrutura sobre os sujeitos, pois, a aculturação implica também: rearranjos, surpresas, mudanças estratégicas, alteração das posições no tabuleiro, portanto, reconfiguração das relações de força sem um plano racional elaborado por um sujeito ou instituição. O procedimento da aculturação envolve a produção de provas cotidianas, portanto, articula-se a conflitos discursivos. Portanto, o mundo da comunicação mediada tem papel importante neste jogo que implica disputas por reconhecimento, por identidades de resistência frente a tentativas de absorção, resignificação e naturalização. Neste sentido a mídia é mais um dispositivo do que um sistema, um dispositivo que engendra ordens discursivas plausíveis, proposições, justificativas que buscam ancorar as ações dos sujeitos rumo às estabilidades, mas, que para fazê-lo precisa, paradoxalmente, iluminar as vozes dissonantes.

A partir deste referencial o presente trabalho procurará responder às seguintes questões: O que o episódio indica sobre as interações entre mídia e sociedade? O que é possível encontrar ao seguir os agentes nas suas controvérsias sobre a série? Quais disputas discursivas, por reconhecimento e identidade emergem na esfera pública midiática? Como o conteúdo do seriado ‘Sexo e as Negas’ com a atualidade do conflito racial no Brasil?

Para conduzir o leitor às repostas das questões acima enunciadas o texto está dividido em duas partes. Primeiro será apresentada, de forma breve, a herança analítica a respeito do tratamento dispensado ao negro na televisão brasileira, especialmente nos programas de entretenimento. Na segunda parte do trabalho serão analisados os principais conteúdos da série em tela e acompanharemos os passos dos agentes nas suas controvérsias discursivas nas redes sociais. O corpus analítico, portanto, é formado pelo conteúdo do seriado e por diferentes páginas digitais, sites e blogs encontrados na web, tanto de revistas e jornais, quanto de coletivos mobilizados ou colunas individuais. Ainda que as manifestações aqui citadas tenham sido publicizadas na internet, procuramos preservar a identidade dos sujeitos quando se tratava de comentários sobre postagens. Para colunas assinadas fizemos a devida

---

referência. Em coerência com a perspectiva adotada não estabeleci uma hierarquia entre os diferentes agentes discursivos.

A metodologia empregada, de inspiração construtivista, requer dois movimentos básicos: primeiro a simplificação, ou nas palavras de Macé (2006) a banalização e depois a tipificação. Significa suspender as grandes teorias e conceitos marcados pela pretensão de explicar previamente os eventos e acompanhar as agentes sociais nas suas atividades de construção de sentido diante das propostas que a mídia lhes apresenta. Só depois deste procedimento torna-se válido procurar compreender as conexões que ligam os agentes entre si e o contexto sócio-político mais amplo.

### **A herança analítica: a televisão, negras e negros.**

Muniz Sodré (1999) e Joel Zito Araújo (2000 e 2000) são importantes referências na análise da polêmica relação entre a televisão brasileira e os afrodescendentes. Suas obras sintetizam um quadro interpretativo cuja principal característica é denunciar os estereótipos que representam negros e negras na televisão e, particularmente, no principal gênero televisivo brasileiro, a telenovela. Mas, suas contribuições vão além, pois, articulam este tipo de elaboração ao debate histórico sobre a questão racial no Brasil. A ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial são mobilizados por Muniz e Joel Zito como chaves explicativas das limitações da televisão brasileira. Nossa herança escravocrata não foi totalmente superada, pois, não foi substituída por uma sociedade igualitária fundada no direito, muito ao contrário, o cenário pós-abolição carrega a marca das hierarquias, desigualdades sociais e, principalmente, raciais. Esse contexto, somado às tentativas de escamotear a questão ajudariam a explicar as contradições de um gênero que luta pela popularidade reivindicando espelhar o cotidiano da sociedade brasileira, mas, aos olhos de Araújo, parece se contentar com uma narrativa que, em grande medida, reproduz as injustiças sociais e políticas. O cenário está marcado por atores negros ocupando pouco espaço e em papéis menores, assistindo histórias do seu sofrimento sendo contadas da perspectiva dos senhores de engenho ou de abolicionistas brancos, vendo seus textos diminuírem a cada capítulo ou, o que é pior, experimentando o drama passar do folhetim para suas vidas pessoais ao caírem no ostracismo.

Não se trata, entretanto, de uma história linear. Ao olharmos a trajetória da representação afrodescendente nas novelas brasileiras não vemos nem uma evolução,

tampouco uma estagnação. Ao que parece é uma história marcada por avanços, experimentações, descompassos, recuos e rearranjos. Em 1985, por exemplo, a novela ‘Sinhá Moça’ escapa ao tom festivo e conciliador ao tratar da abolição da escravatura. O folhetim mostra o papel ativo dos negros na sua libertação e desenha um cenário crítico para os afrodescendentes pós-abolição (ARAÚJO, 2000). Outro ponto interessante é que se as tentativas de representação de romances entre negros e brancos nas telenovelas, presentes de forma pontual entre os anos 60 e 90 do século passado, podem ser lidas como resgate da tese da democracia racial ou do branqueamento, o fato é que as resistências e até hostilidades racistas de parte do público a estas encenações parecem indicar que a dramaturgia propôs experimentações que explicitaram as contradições latentes da esfera pública quanto a esta herança mal resolvida.

É interessante notar que a organização e a mobilização das associações pela causa afrodescendente gerou a primeira reação social anti-racista a uma cena em telenovela. O drama foi encenado na novela ‘Pátria Minha’ de 1994, escrita por Gilberto Braga, tratava-se de uma cena de racismo explícito de um personagem da elite empresarial, branco, que encarnava a maldade associada ao poder econômico, contra um jovem empregado doméstico negro, pobre e frágil. A contestação do movimento negro não foi à cena em si, uma vez que ela explicitava o racismo, em geral, ocultado, mas, à reação ou falta dela por parte do personagem negro humilhado. Depois do enfrentamento inicial e a resistência frente às contestações, a Rede Globo cedeu e aceitou levar ao ar uma cena onde a mãe do jovem fazia um discurso anti-racista levantando a autoestima do rapaz (ARAÚJO, 2000). Ainda que a cena tenha mantido o enquadramento individualista e maniqueísta, o racismo continuou sendo apresentado como problema individual e como arma mobilizada por pessoas más, penso que o episódio referenda a tese de Mauro Porto (2012), segundo a qual, a mídia é, em algum grau, responsiva às mobilizações da sociedade na esfera pública. Ou, noutros termos, é pertinente olhar o dispositivo midiático menos como uma instituição acabada operando dentro de um sistema com funções pré-determinadas e mais como construção interativa num intenso jogo com a sociedade e seus agentes.

O paradigma que aponta a invisibilidade, o estereótipo e o estigma como procedimentos padrões da mídia ao representar as mulheres negras e os homens negros é interessante por revelar permanências, enfim, estabilidades; como o fazem, por exemplo: Rosane da Silva Borges (2012); Kátia Regina Rebello da Costa (2012); Rogério Ferro (2012); Ana Alakija (2012). Entretanto esta perspectiva tem dificuldades em apreender as transformações, talvez,

---

pelo justificado cuidado de não embarcar em evolucionismos ingênuos. É comum nesta perspectiva reconhecer alguma mudança na mídia, mas, circunscrevê-las a situações de exceção que confirma a regra. Nas palavras de Rosane Borges:

... a despeito de alguma mudança a respeito da imagem do negro, existe uma matriz que se replica, um padrão que define o lugar do negro no sistema de representação. Partimos do entendimento de que os estigmas se repetem, não em termos de conteúdo, mas, de articulação. Embora não sejam invariáveis (enquanto formas constituídas na sociedade), os estigmas são invariantes (enquanto estruturas constituintes da sociedade). (BORGES, 2012, p. 188).

E mais adiante:

Os estereótipos em torno do negro e da mulher negra não seguem uma trajetória linear (do negativo para o positivo, como algumas análises insistem em sublinhar), mas, se movimentam sobre uma estrutura cíclica, em que os discursos fundadores do Outro ainda são o grande manancial para tipificação dos personagens negros e dos assuntos relacionados à África e ao Brasil negro. (BORGES, 2012, p. 198).

O problema desta abordagem estrutural, sem desconsiderar suas contribuições, é, paradoxalmente, minimizar o papel dos contra-públicos e suas organizações. Os atores sociais aparecem, fatalmente, como presas fáceis, passivas, diante das estruturas que insistem em repetir os padrões da dominação. Reiterando o paradigma dos ‘efeitos’ a capacidade de agência dos sujeitos fica bastante enfraquecida. Mesmo quando se adota a perspectiva dos Estudos Culturais, atualizada pelos Estudos de Recepção Latino Americanos, o paradigma dos ‘efeitos’ teimosamente se mantém, como no caso de Sátira Pereira Machado que, após mencionar a capacidade de resistência e resignificação por parte dos receptores, abandona a perspectiva da interação e retoma a ênfase no vetor midiático sobre os indivíduos que assumem “posições distintas na assimilação das mensagens emitidas” (MACHADO, 2012, p. 220).

O próprio histórico da relação entre mídia e sociedade, no caso dos afrodescendentes, revela um jogo interativo marcado pela relativa permeabilidade da televisão às pressões advindas de receptores individuais e/ou movimentos sociais. Passado este que aponta também para a capacidade reflexiva dos públicos ao construir sentido na experiência de confronto com os produtos advindos da mídia. É com esta hipótese que iremos olhar o seriado “Sexo e as Negas” e as controvérsias que ele gerou. Ou seja, não como um produto com função pré-determinada pelo sistema midiático, mas, como construção interativa dentro de um dispositivo midiático propenso a estabilizar discursos e práticas, mas, que só pode fazê-lo apropriando-se das críticas e resistências, portanto, abrindo brechas para as instabilidades e

---

inconformismos dos contra-públicos. Jogo interativo e não dicotômico é o que marca a relação de poder entre as mídias e a sociedade segundo o ponto de vista aqui adotado.

**Mais um capítulo na relação entre televisão e afrodescendentes.**

Não vamos descrever exaustivamente as imagens da série “Sexo e as Negas” em busca da resposta ao enigma dicotômico: existem estereótipos? O produto é racista? O próprio título denota a mobilização do quadro de referências marcado pelo estereótipo remetendo o receptor à associação entre a mulher negra e a sexualidade nos termos de uma herança racista, mas, o nome da série também revela uma tensão, pois, a explícita referência ao seriado americano ‘Sex and the City’ aponta para a vontade de resignificar este quadro reconhecendo e festejando a participação de mulheres negras da periferia na experiência urbana e ‘moderna’ da sexualidade feminina relativamente autônoma. Nossa intenção é observar alguns conteúdos significativos do programa, justamente, por enunciarem as ambiguidades e tensões presentes no desempenho midiático.

A série em tela mistura diferentes temáticas ao abordar o cotidiano de quadro mulheres negras da periferia do Rio de Janeiro: questão racial, desigualdade social/espacial, mobilidade, relação amorosa, sexualidade, gênero, consumo, felicidade, etc. Paralela à temática central a respeito da vida amorosa das protagonistas são explícitas as referências às dificuldades vividas pelas classes populares frente à carência de políticas públicas e sociais. Ao mesmo tempo o programa expõe a luta diária dessas pessoas no novo contexto brasileiro, ainda presente em 2014, que possibilitava sonhar com ascensão social e com o acesso a bens materiais e simbólicos antes exclusivos das elites.

Uma das análises interessantes sobre ‘Sexo e as Negas’ foi elaborada por Luis Augusto Campos (2014), ele aponta a ambiguidade latente ao projeto de Falabella, pois, a intenção do autor era mobilizar um olhar feminista, dando voz e visibilidade a mulheres negras que costumam ocupar posições subalternas na dramaturgia televisiva. Contudo, segundo Campos, o erro que gera a tensão está em dissociar a questão de gênero da questão racial e de classe, assim, o que poderia ser visto como valorização da autonomia sexual feminina da periferia urbana, se as protagonistas fossem brancas, aparece como reforço do preconceito, pois, sendo negras e pobres as atoras carregam consigo o quadro referencial da ‘mulata hiper-sexualizada’ disponível aos desejos dos homens brancos da elite. Ao que nos parece, a tensão está em desnaturalizar a sexualidade da mulher submissa, mas, retomando a figura subalterna e cristalizada na sociedade brasileira da ‘mulata sensual’: amante, poligâmica e passiva diante

da violência machista. O seriado americano, no entender de Campos, procurou atacar o estereótipo da mulher branca, qual seja: monogamia e frigidez, representações que serviram à normalização do comportamento sexual deste grupo de mulheres ‘boas para casar’. Erro de agenda, portanto, a adaptação aos padrões brasileiros teria pecado ao colocar nas mãos, ou no corpo, de personagens tão distantes e diferentes uma bandeira de mulheres brancas norte americanas, para elas, é até plausível pensar a emancipação como exercício relativamente autônomo da sexualidade; ao passo que para as afrodescendentes brasileiras, estereotipadas como ‘boas de cama’, a representação da resistência seria mais complexa. Augusto Campos tem uma percepção sofisticada da questão, sem dúvida. Mas, teria sido um erro do autor a confusão dessas pautas: feminista e racialista? Ou o tipo de interação que se estabelece entre mídia e sociedade é mais explicativo sobre as tensões que envolvem o seriado sob análise? Ao que parece os produtos ‘midia culturais’ não têm como alvo os extremos, tanto ao absorver tendências e comportamentos quanto ao proporem seus quadros interpretativos. Sendo assim, a série dialoga com as mulheres negras que experimentam a sexualidade relativamente autônoma sem preocupação em acertar as contas com a herança da ‘mulata hipersexualizada’, como se as injustiças do passado não devessem servir de barreira para a experiência da ‘felicidade’ coletiva.

Uma cena do primeiro episódio chama a atenção. Uma das protagonistas, a personagem de nome Zulma, que trabalha nos bastidores do teatro como camareira auxiliando uma atriz (Leonor), é autorizada pela patroa a usar sua joia, uma pulseira, mas, ao demonstrar receio de ser roubada a patroa lhe diz que ninguém vai acreditar que aquela peça é uma joia estando no braço dela, fica subentendido que a descrença estaria associada ao fato de Zulma ser negra e pobre. A cena gerou controvérsia nas redes sociais. O quadro de referência mobilizado é a discriminação, a desigualdade social e de raça; soma-se ainda a intimidade entre patroa e empregada que remete ao caráter que sobressai no racismo brasileiro, qual seja: as situações de proximidade que ofuscam a hierarquia. Mas, diferente da cena da novela ‘Pátria Minha’ retratada mais acima, a interlocutora da mulher negra faz referência ao preconceito social e utiliza dele como artimanha para que a empregada possa usar a joia sem risco de ser roubada, trata-se de uma pequena resistência, uma ‘bricolage’ (CERTEAU, 1994) que faz as duas cúmplices num gesto que pode ser lido mais como de solidariedade política do que na chave



da solidariedade tradicional<sup>7</sup>. O conteúdo, a bem da verdade, mescla a referência ao racismo que constrange, pois, a cor da pele atestaria a subalternidade aos olhos preconceituosos da sociedade e operaria como salvo conduto para o uso dissimulado da joia; com a explicitação da discriminação, pois, a cena não dissimula o racismo, ao contrário aponta seu laço com a desigualdade. Entre o drama e a comédia é apresentada uma solução parcial, provisória e partilhada entre patroa e empregada; Zulma participa, em algum grau, da artimanha.

Considero elucidativo, também, acompanhar os agentes envolvidos na controvérsia para pensar sobre o que ela revela a respeito do conflito racial na atualidade e a propósito da relação entre mídia e sociedade. Abaixo mais um depoimento interessante:

Vejo que o Miguel Falabella está interessado em vender seu produto, não tem noção de quanto isto é péssimo para a reputação das mulheres negras que são vistas como símbolo de orgia. Não é isso que nós negros esperamos de um ator que diz saber o quanto o negro no Brasil passa por dificuldades profissionais. Agora cabe ao negro dar a resposta ao Miguel Falabella. (CRF, homem, negro, comentário feito ao blog Correio do Estado, em 12/9/2014).

O comentário acima aponta para o peso do quadro de referência presente na sociedade, assim como, na própria mídia. Mas, a mídia por suas características não pode apenas repetir o instituído, a busca pela audiência, enfim, a concorrência exige atenção às transformações na sociedade e no próprio campo televisivo. Antes de prosseguir vejamos outro comentário:

Sobre o seriado da Globo que começou esta semana ‘Sexo e as Negas’ com certeza não representa a maioria das mulheres negras do Brasil. Se não assistíssemos não teria audiência, por outro lado, se não assistirmos não conseguiremos fazer a crítica. Mas em que momento a Globo nos representa? Em nada! Deixamos de ser empregadas domésticas para ser objeto sexual. (V.P., mulher, comentário ao artigo de Charô Nunes, no blog ‘oneirophanta’, em 17/9/2014).

Além de tocar no dilema da ‘censura’ ou do boicote ao programa, a mulher que tece esse comentário aponta para a luta pela ‘representação’ como um dos elementos centrais da relação entre mídia e sociedade. A representação, o reconhecimento, individual e coletivo, passa pela comunicação que hoje se faz, em grande medida, de forma mediada. Mas, até que ponto o dispositivo midiático, no caso do programa em tela, procura representar agentes e situações em transformação, mais até do que atualizar um passado?

Achei sua análise muito precisa. Assisti o primeiro capítulo e compartilho com muitas das suas impressões. Só fico preocupada com a leitura de ‘estereótipo de mulher negra’. Fico preocupada porque se esse argumento não for construído de

<sup>7</sup>A ‘solidariedade tradicional’, também nomeada como dádiva, opera na chave do favor, em geral, na esfera privada, entre indivíduos numa relação hierárquica que é reforçada. Trata-se de uma ação que solicita contrapartida na forma da gratidão e da fidelidade. Ao contrário, a ‘solidariedade política’ ocorre na esfera pública, entre indivíduos que se colocam na condição de igualdade; não solicita contrapartida, procura por fim às hierarquias, opera, portanto, na chave do direito.

---

maneira cuidadosa, ao invés de explicitar e criticar a cristalização de um papel social como única possibilidade para as mulheres negras na mídia, acabamos por chamar essas mulheres – camareiras, terceirizadas, passistas de escola de samba – de caricaturas. Essa tem sido inclusive a arma da maior parte das pessoas negras que se pronunciaram a favor da série e contra os negros que a criticam. Ainda no que tange ao cuidado que devemos ter pra construir essa crítica, acho que devemos nos atentar para não ofender mais uma vez a essas mulheres ao tratar da natureza das funções que elas exercem. Acho que após pegar algumas horas de condução pra limpar uma casa cheia de luxos que ela nunca poderá ter, de ser tratada pelos patrões como se fosse ignorante por exercer essa função, ganhar muito menos do que seu trabalho vale e ter de repeti-lo ao chegar em sua própria casa, a última coisa que essa mulher precisa ouvir é que ela exerce uma função subserviente. Nesse sentido, retomar as relações que ele tem com o trabalho das mucamas é pertinente, mas acho também que deve-se ter cuidado pra não abrir precedente para leituras que constatem que nada mudou desde então e além disso, que essas mulheres não vem lutando pra que isso mude. Eu digo isso porque eu sou uma mulher negra que escreve de um quarto de moradia estudantil, numa universidade pública. E quem me descortinou essa possibilidade foi minha mãe, empregada doméstica – hoje cuidadora – e falante de espanhol, estudante de alemão e filosofia” (C., mulher, comentário ao artigo de Charô Nunes, no blog ‘oneirophanta’, em 17/9/2014).

O pronunciamento desta mulher indica que as ambiguidades não envolvem só a representação midiática, mas, também a crítica a ela. Do seu ponto de vista muitas mulheres negras não se vêm representadas nas falas que desqualificam o conteúdo do programa, pois, este ato também rebaixa seus próprios papéis sociais. O programa ‘Sexo e as Negras’ apresenta papéis sociais de pessoas em situações subalternas, buscando ser verossímil, plausível, mas, a crítica se funda na percepção de que esta realidade representada está invertida. Qual o critério para este julgamento? O ideal de justiça e democracia. Mas, a crítica à representação desses papéis e situações subalternas não significa mais um bloqueio, mais uma barreira para esses sujeitos? A fala apreende bem as transformações pelas quais passa nossa sociedade, pessoas que antes tinham poucas expectativas em papéis subalternos passaram a experimentar a possibilidade de sonhar com trajetórias de ascensão social. A isto se soma o objetivo de paródia do programa, ou seja, de atualizar o tema da sexualidade relativamente autônoma de mulheres do meio urbano ambientado, agora, na periferia de uma grande cidade brasileira e tendo como protagonistas mulheres negras. Parece ser uma experiência de defesa do reconhecimento deste grupo que luta contra a subalternidade e, ao mesmo tempo, a reivindicação, enquanto mídia, de legitimidade da demanda de ser seu representante nas novas práticas ambíguas que a ele se abrem.

Não assisti Sex and the City porque era fraquinho e do mesmo modo não assistirei O Sexo e as Negras. Os dois são uma boxta (sic), passatempo água com açúcar. Agora, usar racismo como desculpa? Faz favor! Negras tb fazem sexo e podem escolher qual e quantos parceiros querem. Garanto a vcs, se fosse O Sexo e as Brancas teriam batido recorde de ibope no horário, independente de se passar no morro ou na Zona Sul. Mas, os racistas enrustidos e os negros de casa grande estão aí pra ser do

---

contra...Como nasci com alma de negra de senzala e sempre foi assim que me portei, me ofendo muito mais com os negros babacas de Manoel Carlos<sup>8</sup>, sempre servis e compreensivos do que com essas 4 moças que vivem como muitas (negras, brancas, amarelas, roxas, cor de rosa etc) que encontramos par aí. (C2, mulher, comentário ao artigo de Charô Nunes, no blog 'oneirophanta', em 17/9/2014).

A mulher do comentário acima tece dura crítica ao que ela denomina 'negros de casa grande', aqueles que questionam o comportamento de outros afrodescendentes, ou seja, ao que parece ela questiona a própria reivindicação de representante do comportamento legítimo de alguns sobre outros. Ela considera, também, que a novidade do programa é conceder às personagens negras a legitimidade da experiência da sexualidade volátil, dos encontros casuais, com suas consequências, alegres, mas, também angustiantes e marcadas por incertezas; perpassados, entretanto, pela sensação de não subalternidade. O dispositivo midiático parece se apropriar desta reivindicação dos contra-públicos de vivenciar a experiência da 'felicidade' das celebridades, como já alertava Edgard Morin (2011), o que já é uma mudança, pois contraria as mentes mais conservadoras e as práticas moralistas, mas, ao mesmo tempo significa instituir uma nova legitimidade, uma nova justificativa para comportamentos normalizados: 'conquistamos o direito a vivenciar as experiências antes bloqueadas'. Percebe-se aí o paradoxo, a ambiguidade que marca a mídia de massa. Não surpreende, portanto, percepções tão contraditórias entre si por parte dos receptores do programa.

Uma mulher não é objeto sexual quando é ela que tem plena autonomia sobre sua sexualidade e total agência diante da sua vida afetiva e sexual, que é como a série parece retratar as mulheres (negras, no caso). É no mínimo muito conservadorismo, beirando a carolice<sup>9</sup>, achar que o fato de serem mulheres "liberadas" e em busca ativa da satisfação sexual e afetiva as torna "objetos sexuais", que é/era algo nítido em sociedades patriarcais onde os homens é que "usam e abusam" da mulata ou negra numa clara posição dominante do homem sobre ela. (YCS, homem branco, comentário ao artigo de Nirlando Beirão, no site da revista e Carta Capital, em 13/10/2014).

#### Outro depoimento ilustrativo da controvérsia:

Juro que não entendo todo esse bafafa. Pra mim parece que as negras bem sucedidas querem mais é que as negras que não tiveram a mesma sorte que elas se fodam. Desculpe o palavreado, mas é o que parece. Tipo, foda-se que a maioria das negras, infelizmente, ainda viva uma condição subalterna, eu consegui vencer na vida e quero me ver representada. Pra que? Todas as blogueiras negras que vejo tem uma baita história de superação, uma carreira acadêmica, um baita conhecimento e consciência. Já sabem tudo que conseguiram, todo seu potencial. Por que então não deixar que jovens negras, que talvez ainda não tenham tido a oportunidade de ter essa visão e

---

<sup>8</sup>Autor de telenovelas da Rede Globo de Televisão.

<sup>9</sup>Carolice: Atitude carola, de quem é beato, frequentador de igreja; apaixonado por uma ideia ou religião.

---

ampliar seus conhecimentos se vejam reconhecidas? Porque afinal, ninguém das que reclamam vê Globo, gosta da Globo ou qualquer coisa assim. Então porque não deixar que as negras que, infelizmente, ainda trabalham em condições subalternas às patroas brancas não se vejam representadas? Antes de todo esse bafafa, na minha santa ignorância, tinha achado empoderador, mostrar pras jovens negras das comunidades que o corpo é delas, que elas tem (sic) todo o direito de transarem com quem quiserem. Afinal, se as jovens brancas lutam por isso, por que as negras também não podem? Tenho certeza que se ao invés de negras, as protagonistas fossem quatro brancas seria o máximo, finalmente mostrando mulheres livres sexualmente e daí o mimimi<sup>10</sup> seria por representar apenas mulheres brancas fazendo isso e não mulheres negras, como se as negras também não fizessem isso. E outra coisa que me incomoda é que muito se fala que branco não pode falar sobre negro, que você só pode falar sobre o que é. Então, por que reclamam tanto da falta de negros, homossexuais, cadeirantes, cegos e trans nas novelas/filmes/etc? Afinal, pela lógica, só pessoas assim poderiam escrever peças sobre este tema. Não me parece lógico. (B, mulher, comentário ao artigo de Charô Nunes, no blog ‘oneirophanta’, em 20/9/2014).

O depoimento desta mulher é bastante elucidativo. Ela começa explicitando uma percepção de hierarquia entre afrodescendentes e a tensão presente na atitude, talvez, elitista de determinar ao outro o tipo de experiência considerada legítima ou eficiente em termos políticos. O paradoxo está em criticar a dominação e prescrever limites às práticas do outro, ou seja, erguer barreiras à autonomia. Ela parece perceber que o desafio é criticar os dispositivos de sujeição sem criar novos discursos que contribuam com a normalização dos comportamentos.

O quinto episódio do seriado é ilustrativo sobre as tensões que ele engendra. O título é representativo: ‘Puro Preconceito’. Na principal cena do episódio as quatro protagonistas entram numa loja chique. Soraia experimenta um vestido, mas, desiste da compra. Zulma, por sua vez, adquire um vestido caro para sua filha. Quando elas já estavam de saída Soraia flerta com um dos dois seguranças que são negros. Um deles, em tom acusatório, questiona Soraia sobre o destino do vestido que ela levou para o provador. Ela responde que o deixou lá e ele replica perguntando por que ela não o guardou no lugar. Tilde diz que existe funcionária na loja responsável por esta tarefa e acusa os seguranças de capitães do mato. Diante da surpresa das amigas ela explica que este personagem negro do passado trabalhava para os senhores de escravos perseguindo e capturando os negros que fugiam. Elas chamam a polícia e o caso acaba na delegacia. Leonor, a atriz branca para quem Zulma trabalho, foi até a delegacia prestar apoio às protagonistas. A cena tem o tom de denúncia contra o que foi chamado de ‘preconceito’ e não diretamente de racismo. Na sequência da cena aparecem depoimentos de vários personagens, negros, mas, também brancos, denunciando diferentes tipos de

---

<sup>10</sup>Falatório.

preconceitos que já sofreram. Um rapaz negro, por exemplo, diz que sofre preconceito manifesto na brincadeira dos amigos, pelo fato de ele gostar de mulheres mais velhas. Algumas controvérsias ficam explícitas na cena: o preconceito racial é denunciado, mas, como em outros momentos da série, a ação é levada a efeito por personagens que também são negros, ou seja, é atenuado o preconceito enquanto relação de poder de brancos sobre negros. No mesmo sentido vai outro conteúdo importante da cena: a sequência, feita com diferentes depoimentos, de certo modo iguala o preconceito racial a outros tipos de preconceito menos importantes e também dá ao problema um caráter individual; seriam pessoas preconceituosas que dariam vazão a este sentimento prejudicando outros indivíduos por diferentes motivos equivalentes entre si.

A descrição do parágrafo anterior indica uma apropriação da resistência ao racismo, presente na crítica dos movimentos sociais negros à sociedade e à mídia. Entretanto, dá outro significado à crítica, primeiro ao traduzir racismo por preconceito, depois ao desarmar a denúncia contra os brancos ao enfatizar que a prática do preconceito racial também parte dos negros contra outros negros e, finalmente, ao enquadrar o tema na esfera das relações individuais.

Não é fácil apreender este jogo tenso operado pela mídia onde, de um lado, se oferece a diferentes grupos a oportunidade de transgredir padrões tradicionais, arraigados, e por outro se normaliza comportamentos, por exemplo, disseminando a mesma concepção de felicidade como experiência massificada. A hipótese mais interessante sugere que as práticas de poder que envolvem o dispositivo midiático não operam de forma deliberada ou pela via da manipulação com o objetivo oculto de reproduzir o instituído, neste caso, recolocando o racismo tradicional. As características da mídia de massa apontam para a tensão de procedimentos que procuram interessar a todos, interpelar o maior número possível de pessoas, o que significa atentar para as inovações e transgressões presentes no mundo social, buscando incorporá-las. Mas, trata-se de um procedimento que oferece riscos, pois, não há um pleno domínio dos resultados. A aculturação, enquanto absorção das críticas implica em reconhecimento indesejado do outro, das suas falas e procedimentos criativos. Não por acaso a mídia se depara com problemas de poder, apresenta proposições aos diferentes grupos, arrisca, erra aqui e acerta ali, em geral diverte muitos e desagrade alguns, aqueles que estão nos extremos seja do espectro político ou de gosto.

As controvérsias geradas pelo conteúdo da série ‘Sexo e as Negas’ refletem o contexto atual da sociedade brasileira que se encontra bastante dividida politicamente, com pouca

permeabilidade para concessões e transigências. Muito diferente do cenário que marcou a polêmica da novela ‘Pátria Minha’, relatada acima, quando a crítica do movimento negro gerou negociação e atendimento da demanda por parte da mídia.

## Referências

ALAKIJA, A. “Mídia e identidade negra”. In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.), **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, pp. 106-151, 2012.

ARAÚJO, J. Z. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: SENAC, 2000.

BERGER, P. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

BOLTANSKI, L. & CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: WMF, 2009.

BORGES, R. da S. “Mídia, racismos e representações do outro: ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negras”. In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.). **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF : ABPN, pp. 178-203, 2012.

BOURCIER, M. **Queer Zones: politique des identités sexuelles et des savoirs**. Paris: Éditions Amsterdam, 2011.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, K. R. B. “De quando a pluralidade revela a invisibilidade”. In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.), **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF : ABPN, pp. 40-63, 2012.

FERRO, R. “O negro sem cor no telejornalismo brasileiro”. In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.). **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF : ABPN, pp. 64-83, 2012.

MACHADO, S. P. “Mídia, Infância e negritude: Cidadania e afrodescendentes no Brasil”. In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.). **Mídia e Racismo**, Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF : ABPN, pp. 206-244, 2012.

MACÉ, É. **Les imaginaires médiatiques: une sociologie postcritique des médias**. Paris : Éditions Amsterdam, 2006.

MAIGRET, É. **Sociologia da comunicação e das mídias**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 1: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

PORTO, M. P. **Media Power and Democratization in Brazil: TV Globo and the Dilemmas of Political Accountability**. New York/London: Routledge, 2012.

**Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS**

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

---

SODRÉ, M. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, Vozes. 1999.

**Documentos**

ARAÚJO, J. Z. **A negação do Brasil**. São Paulo, Rio de Janeiro. Documentário em vídeo, 2000.

CAMPOS, L. A. **As “negas” in the city? Paroxismo de uma importação dramatúrgica**, *O blog do Démodé*, Disponível em <http://grupo-demode.tumblr.com/post/104405795722/as-negas-in-the-city-paroxismo-de-uma> , [consultado em 5-12-2014], 2014.